

*Transgressões na experiência da
maternidade em Com Armas
Sonolentas: uma linhagem
matrilinear marcada pelo trauma e
pela alienação*

Erica Schlude Wels¹
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Resumo

O presente artigo parte da análise da obra *Com Armas Sonolentas: um Romance de Formação* (2018), de Carola Saavedra. A obra retrata a trajetória de três mulheres que, com suas recusas a se submeterem a relações afetivas e maternas focadas no formato tradicional, de feições burguesas, configuram narrativas de resistência e renovação de estereótipos. O fio condutor do romance é a experiência traumática da maternidade, em quadros aparentemente independentes, mas que compõem uma única história: a linhagem matrilinear fundada no estranhamento e na renúncia em relação ao filho gerado acidentalmente. Por parte da genitora, tanto as relações amorosas que desembocam na gestação, quanto o período anterior ao nascimento da criança, são marcados por uma profunda alienação e por desejos de recusa à entrega afetiva. Com o intuito de fundamentarmos nossa leitura, apoiaremos-nos num breve recorte teórico sobre a maternidade, entendida como construção histórica, política, discursiva, ideológica e psicanalítica, além de constituir um dispositivo veiculador de poder. Nesse sentido, podemos afirmar que a visão da maternidade transmitida no romance é transgressora, contribuindo para reordenamento de (pré) conceitos atrelados à maternagem, evento carregado de exigências do amor materno incondicional; as narrativas de Saavedra configuram um *Bildungsroman* que problematiza profundamente a visão essencialista e biologizante do corpo feminino, tomado na sua função procriadora e acolhedora.

Palavras-chave

Maternidade. Transgressão. Alienação. Trauma.

¹ Professora Associada Setor de Língua e Literatura Alemã, Departamento de Letras Anglo-Germânicas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Introdução

“A histeria é o leite coalhado da maternidade.”

(Karl Kraus)

Carola Andrea Saavedra Hurtado nasceu em Santiago do Chile, em 1973, e chegou ao Brasil com apenas 3 anos de idade. Formou-se em Jornalismo, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e cursou mestrado em comunicação social pela Johannes Gutenberg-Universität, na Alemanha. Morou na Espanha e na França. Iniciou sua carreira com o livro de contos *Do Lado de Fora* (2005). Em 2012, foi considerada, pela *Revista Granta*, um dos 20 melhores escritores brasileiros. Publicou os seguintes romances: *Toda Terça* (2007), *Flores Azuis* (2008), *Paisagem com Dromedário* (2010), *Inventário das Coisas Ausentes* (2014). *Flores Azuis* ganhou os prêmios APCA (Associação paulista dos críticos de arte) – melhor romance. Foi finalista dos Prêmios Jabuti e São Paulo de Literatura. O mesmo se deu com *Paisagem com Dromedário*, obra que conquistou o prêmio Raquel de Queiroz, na categoria jovem autor. Seus romances foram traduzidos para o inglês, francês, espanhol e alemão.

Página | 195

Da ficção da autora, destaca-se o gênero romance, cujo estilo apresenta-se atrelado à preferência pela experimentação na forma e linguagem literárias, primando pelo aspecto da imprevisibilidade e uso da polifonia, a exemplo de um labirinto:

[...] apresenta uma linguagem consistente e determinada que busca compreender como a literatura e os seus elementos constitutivos são arquitetados, a fim de problematizá-los. A sua obra se pauta na experimentação da linguagem e na investigação dos aspectos composicionais do romance (PIOVEZANN, 2017, p. 11).

Quanto ao universo temático, as histórias priorizam a complexidade das relações amorosas em meio ao universo urbano. Outros aspectos apontados pelos críticos são os seguintes: subjetividade, destinação ao leitor, instabilidade tempo-espço, idéia de não-lugar etc. Apesar do prestígio junto à crítica especializada, a literatura de Saavedra ainda parece tímida entre os estudos acadêmicos.

Mesmo rejeitando o rótulo de uma literatura feminina apartada do restante da produção literária contemporânea, em *Com Armas Sonolentas: um Romance de Formação* (2018), a escritora traça um mosaico composto por três mulheres (Anna, Maíke e a Avó), cujas vidas são transformadas pelos conflitos desencadeados pela maternidade. Se, ao rotular a questão da produção literária de mulheres de “o fantasma da literatura

feminina” (SAAVEDRA, 2013), a autora rejeita qualquer vínculo especial entre sexo/gênero-escrita, o romance em questão, no plano do conteúdo, estabelece uma verdadeira linhagem de mulheres, cujo ponto de contato é a gravidez acidental e os sentimentos de alienação decorrentes dessa condição; tal tema constrói-se a partir de blocos (parte 1 – o lado de fora/ parte 2: o lado de dentro), aparentemente desconexos, porém terminando por constituir uma narrativa coerente e interligada. Cada bloco é composto pelos mesmos três capítulos, intitulados com os nomes das protagonistas: Anna (filha da Avó), Maike (filha de Anna e neta da Avó) e a (Avó) (a matriarca), cuja alcunha vem marcada entre parênteses. Os blocos demarcam os destinos e desastinos das personagens, espalhadas entre o Brasil e a Alemanha, sem conhecimento da existência uma da outra. A narrativa, inaugurada no espaço externo, inicia entre o Rio de Janeiro e a pequena cidade alemã de Mainz-Gonsenheim. O segundo bloco, por retratar o espaço ficcional interno, começa com a exibição da peça de Anna Marianni, num teatro do Rio de Janeiro. Além de configurar o exercício de uma narrativa dentro da outra, fazendo uso de outra linguagem literária (monólogo dramático), a peça confessional e biográfica de Anna Marianni, agora atriz consagrada, permite um certo distanciamento do vivido. A distância temporal e espacial transforma-se num filtro que investiga em detalhes os traumas do passado.

No início da trama, Anna ganha seu sustento como vendedora, tendo abandonado a família da Madrinha. Aspirante à atriz, consegue se infiltrar num festival de cinema internacional e, ao posicionar-se no tapete vermelho, aproxima-se do promissor cineasta alemão, Heiner Neumann. O casal se envolve num prazo de poucas semanas e, por Heiner e pelas promessas de uma união estável, ela abandona emprego e apartamento alugado no Rio de Janeiro, mudando-se para Mainz-Gonsenheim, nesse aparente conto de fadas. O encontro dos dois, o beijo respeitoso na mão, uma verdadeira pantomima, toda a atmosfera da jovem de “beleza incomum” que encontra o belo intelectual louro mimetizam o clima cinematográfico, afinal falamos de uma atriz e de um cineasta – ilusão, luzes, sonho...alienação:

[...] ela também estava encantada, talvez fosse a iluminação, a tensão dos últimos acontecimentos, o fato é que via mas não via o rosto de Heiner, as marcas na pele, os olhos pequenos e opacos, os lábios muito finos, que o deixavam quase sem boca, ou apenas com uma imperceptível linha demarcando o lado de dentro e o lado de fora. Um homem feio, diriam muitos. Um rosto marcante, diriam outros (SAAVEDRA, 2018, p. 19).

Antes disso, dedicara-se com esmero à produção do visual, escolhendo um vestido vermelho insinuante da loja onde trabalhava, ornado com saltos altíssimos:

[...] Finalizou o penteado com um antigo pente de osso que dona Clotilde lhe dera pouco antes do rompimento, a briga que a levava a sair daquela casa para sempre, se tivesse um mínimo de inteligência, teria aguentado todos aqueles desmandos e humilhações, mas agora era tarde (SAAVEDRA, 2018, p. 17).

O envolvimento do casal é meteórico. Pouco sabem um do outro, porém julgam ter encontrado “almas gêmeas”, capazes de construir um relacionamento que superará as dificuldades normais de uma união intercultural. O fato é que, já nos primeiros dias, após mudar-se para o país estrangeiro, sem falar uma palavra de alemão, o estranhamento com o parceiro se acentua. “[...] que tipo de homem era um homem como Heiner?” (SAAVEDRA, 2018, p. 29). Ao abrir a porta do Aeroporto de Frankfurt, antes protegida pelo sistema de calefação, o vento frio cortante lhe desperta “feito uma bofetada. Então aquilo era estar em outro país” (SAAVEDRA, 2018, p. 29). Sem dúvida, o “vento cortante” evoca o clima frio europeu, em oposição ao calor tropical brasileiro, deixado para trás. O vento estaria, assim, próximo a Heiner e sua cultura, podendo ser lido como um ponto de ruptura entre as personagens.

Ao largo das existências dessa família composta por mães e filhas, a Madrinha, Dona Clotilde, é a primeira das outras mães da narrativa que distoam do padrão feminino das três mulheres. Ela reforça o perfil hegemônico de mulher casada, com filhos, controladora do lar. Moradora de um confortável apartamento da Zona Sul carioca, administra o abastado espaço doméstico com “mãos de ferro”, zelando pela limpeza e organização. Contudo, esse verdadeiro “Anjo do lar” demonstra atitudes maquiavélicas, ao constatar a gravidez da empregada doméstica, causada por um dos filhos. A empregada é, na verdade, a Avó, quem dá a luz à Anna. A menina é criada com carinho e cercada de bens materiais pelos patrões. Finalmente, com a chegada da maturidade, Anna decide tornar-se artífice de seu destino, desvencilhando-se dos laços com a Madrinha.

Nesse mesmo padrão de “Rainha do lar”, outra mãe adotiva resume os preceitos da família mononuclear e da assepsia do lar burguês. Maike, após ser abandonada pela mãe no frio do outono alemão, dentro do carrinho de bebê, é adotada por uma família local. Ambos advogados bem-sucedidos, sonham com essa mesma escolha profissional para a filha. A mãe arquiteta-lhe cada passo do destino, da mesma forma que zela pela organização e funcionalidade da confortável casa de família.

Para minha mãe a felicidade era esforço, repetição, e se nos esforçássemos em ser felizes, de tanto fingir, em algum momento nos pegariamos sendo realmente felizes, assim, desavisados, por puro hábito. [...] Para ela, tudo tinha de ter uma ordem, um lugar, e passava o tempo, fosse em casa ou no escritório, trabalhando com afinco para que o dia fosse produtivo, para que as contas fossem pagas, para que as plantas não murchassem, para que o jantar fosse servido às oito em ponto, para que os guardanapos harmonizassem com a salada (SAAVEDRA, 2018, p. 71).

Intuindo seu não pertencimento àquela família, Maike passa a infância e a adolescência inibida, sofrendo em silêncio, refugiada em seu mundo. O ponto alto desse desajuste é a amizade com Max, filho de um casal de conhecidos, mãe ex-modelo, dona-de-casa, e pai médico famoso, presenças constantes na vida social da família. Íntimos, Max e Maike conversam sobre o futuro, a realidade, a existência ilusória de personagens de ficção, como Pipi Meialonga², colocando em xeque a própria existência num mundo “real”. Num piquenique, enquanto a mãe de Maike metodicamente organiza pratos de porcelana e talheres de prata sobre a bela toalha, Max decide dar um fim à intensa discussão sobre o status do real e da existência e, com firmeza, crava uma faca nas costas da amiga. A dor demora a chegar, pois o choque é muito maior.

Sim, eu existia. Os gritos da minha mãe me trouxeram de volta, e suas mãos tocando a carne em volta da faca, alguém gritando não tire, não tire a faca!, e lembro do olhar de Max, triunfante, parecia dizer, eu não disse? Minha mãe chorava e gritava para Max, monstro, monstro, assassino, a mãe de Max parecia uma estátua de cera (SAAVEDRA, 2018, p. 75).

Assim, já na infância, Maike sofre os efeitos do conflito hereditário de se habitar o mundo de forma estrangeira, alienada de si mesma e de tudo a sua volta. É o gesto de violência de Max que lhe imprime a realidade do corpo e da dor. Contudo, recuperada fisicamente do ataque, a jovem prossegue estrangeira dentro da família adotiva, incomodada com a exacerbação da ideologia burguesa de “cada coisa em seu devido lugar”. Assim, num dia em que acordara mais cedo, com os planos para ir à Faculdade e iniciar o curso de Direito (projeto familiar), opta impulsivamente, sem motivos racionais quaisquer, pelo curso de português. No primeiro dia de aula, não é capaz de articular o motivo daquela escolha. Na aula, conhece sua futura namorada, Lupe.

² Pipi Meialonga, em português brasileiro, é uma personagem literária de autoria da escritora sueca Astrid Lindgren. A menina é a personagem principal de três livros infanto-juvenis editados entre 1945 e 1948, e que fizeram muito sucesso no mercado alemão. É uma menina invulgar, "a mais forte do mundo", com sardas no rosto e tranças ruivas.

O descortinar progressivo fideliza o leitor no rastro das três mulheres, configurando uma estratégia narrativa. Tal recurso remete ao subtítulo: *Bildungsroman*. Deixando de lado as dificuldades de tradução da palavra alemã *Bildung* (QUINTALE, 2005, p. 186) e pensando na versão em língua portuguesa como “romance de formação”, as narrativas versam sobre o doloroso processo de reconhecimento da maternidade das personagens. Essa perspectiva distancia-se da concepção clássica, defendida por Goethe, de romances nos quais os protagonistas instruem-se a si mesmos, auto-formam-se, e vão ao encontro de um processo de formação lento e imperceptível. Trata-se de um processo misterioso de autodescoberta. As narrativas de Anna, Maike e da Avó são marcadas por momentos de descoberta, mas que nada têm de racionais. São comparáveis às epifanias. Movem-se numa espécie de palco. Nesse sentido, a profissão de Anna (atriz) não é gratuita. Sentem que encenam papéis que não lhe pertencem, são levadas a situações contra suas vontades. Há a insistência por um desejo que não encontra ancoradouro possível, difuso, doloroso e melancólico. Entre esse desejo imperioso, mas sem face, e o mundo, existe um mal-estar permanente. Num dos episódios marcantes da história, no momento do abandono do bebê, Anna trava um diálogo imaginário com uma capivara falante, que lhe aborda, repetindo, profética: “[...] veja quanto custa renegar o sítio natal” (SAAVEDRA, 2018, p. 61). Entre o sonho (ou alucinação?) e a vigília, a jovem mãe segue as instruções do roedor; o cenário inusitado é complementado pelo cheiro de mar, a sensação acalentadora da brisa marinha numa tarde no calçadão de Copacabana, vestígios do mundo que deixara para trás:

[...] você não está louca, explicou a capivara, você só é um pouco ignorante, nada que um punhado de capim não resolva, a capivara parecia ler seus pensamentos, continuou, te conheço de longa data, você suporta mal a dor, esse é o problema (SAAVEDRA, 2018, p. 61).

Essa brisa marinha e a sensação de calor opõem-se ao vento frio e cortante, quando Anna abre a porta do Aeroporto de Frankfurt. Dessa maneira, o ar gélido é o elemento que separa os dois mundos de Anna: o do passado, deixado para trás intempestivamente, e a nova vida na Europa, cujo desajuste remete ao clima frio.

1 Construções da maternidade

Dos autores e autoras que se debruçaram sobre a(s) construção (ções) da maternidade e da família no Ocidente, merecem destaque Philippe Ariès (1981) e

Elizabeth Badinter (1985). Ambas as análises históricas fornecem um contexto, uma moldura precisa das mudanças nos papéis desempenhados pelas mulheres no interior do mundo doméstico. Ariès, contudo, pauta-se no poder paterno e destaca a ausência do sentimento de infância, anterior aos séculos XVII e XVIII. Nesse sentido, a família é uma realidade moral (em cujo cerne destaca-se o poder do patriarcado) e social, mais do que sentimental. Nessa lógica predominantemente masculina, impera a violência física entre pais e filhos e o distanciamento materno. Os ecos do pseudo-natural instinto materno, da maternidade como destino absoluto das mulheres, ainda não ecoaram, pois se articulam ao desenvolvimento da ordem econômica burguesa, a qual molda a concepção de lar e família, eclodindo paralelamente à formação dos estados modernos.

A constituição da família, portanto, difere muito, até o século XVIII, das formas de organização encontradas posteriormente e que se tornaram predominantes no período moderno, caracterizadas por sentimentos de ternura e intimidade ligando pais e filhos ou pela valorização da criança (MOURA; ARAÚJO, 2004, p. 45).

Por outro lado, o clássico estudo de Badinter aponta fatores como os altos índices de mortalidade infantil, até o século XVIII, responsáveis, juntamente com outros motivos (como a vida agitada, nas cortes palacianas, das mulheres da aristocracia), pela indiferença materna. Esta diverge inteiramente dos mandamentos que ditam as normas da fortaleza do amor materno. Assim, a partir dos séculos XVII e XVIII, emerge o sentimento de família, intimidade, privatização da vida familiar. A criança passa a ser valorizada à medida em que “se tornava uma fonte de distração e relaxamento para o adulto, um sentimento que poderíamos chamar de ‘paparicação’” (ARIÈS, 1981, p. X).

Não é nosso objetivo, no presente artigo, traçar um percurso extenso das construções do amor materno, mas tão somente destacar, dessa temática, os pontos que vinculam a maternidade como algo natural e indissociável ao destino das mulheres. Em resumo, no contexto europeu, após 1760, além das transformações de ordem econômica e política, inúmeras publicações passaram a exaltar o “amor materno” como um valor ao mesmo tempo natural e social, favorável à espécie e à sociedade, incentivando a mulher a assumir integralmente os cuidados com a prole. Dessa forma, segundo Badinter (1985), em defesa da criança, dois diferentes discursos confluíram para modificar a atitude da mulher perante os filhos: (1) um discurso econômico, apoiado em estudos demográficos, que demonstrava a importância do numerário populacional para um país e alertava quanto aos perigos (e prejuízos) decorrentes de um suposto declínio populacional em toda a

Europa e (2) uma nova filosofia – o liberalismo – que se aliava ao discurso econômico, favorecendo ideais de liberdade, igualdade e felicidade individual.

Devemos lembrar, ainda, que outros discursos e práticas contribuem para o confinamento das mulheres às paredes do lar (esfera privada), ao passo que aos homens cabem as conquistas na esfera pública, isto é, no mundo do trabalho e da política. D’Incao (1997) ressalta a eclosão dos ideais românticos em seu artigo sobre aspectos da vida urbana brasileira no início do século XIX.

Convém não esquecer que a emergência da família burguesa, ao reforçar no imaginário a importância do amor familiar e do cuidado com o marido e com os filhos, redefine o papel feminino e ao mesmo tempo reserva para a mulher novas e absorventes atividades no interior do espaço doméstico (D’INCAO, 1997, p. 230).

A autora estaca o desenvolvimento das cidades, a reestruturação dos lares, além do apoio nos discursos médico, educativo e da imprensa, permitindo um processo de privatização da família, marcado pela valorização da intimidade. Enquanto transitam por salões (espaços intermediários entre a casa e a rua), as mulheres vêm-se alçadas à categoria de “Anjos do lar”, tornado-se responsáveis pela manutenção e pelo bom funcionamento do núcleo doméstico e da família, verdadeiro “capital simbólico”.

1 Corpo materno alienado: O desafio da maternagem

Usualmente, o que impera, como comportamento social, é que o vínculo entre mãe e filho seja de total entrega, muitas vezes acompanhado de uma negação da condição da mulher após dar à luz. Tornar-se mãe é deixar de ser mulher. O que se observa na obra de Saavedra é a negação desse mandamento. O sentimento de estranhamento e repulsa de Anna em relação ao bebê marca o período da gestação (descoberta, não despropositalmente, já avançada e por acaso), assim como logo após o nascimento.

Mas ela, ninguém se lembrava dela, ninguém vinha lhe perguntar como ela estava se sentindo. Ninguém lhe perguntava do horror, das noites sem dormir, do bebê que só fazia mamar, até que ela, quase louca, e o bebê ali pendurado, sugando tudo o que pudesse (SAAVEDRA, 2018, p. 59).

Na verdade, devido ao desenvolvimento do feto no corpo da mulher, socialmente, o bebê ganha status de parte indissociável do corpo e da existência materna. Contudo, algumas narrativas comparam o feto a um corpo estranho, um corpo parasita, como no pensamento de Simone de Beauvoir (2019 [1949]):

A mulher conhece uma alienação mais profunda quando o ovo fecundado desce ao útero e aí se desenvolve. Sem dúvida, a gestação é um fenômeno normal que, em se produzindo em condições normais de saúde e nutrição, não é nocivo à mãe; estabelece-se mesmo, entre ela e o feto, certas interações que lhe são favoráveis. Entretanto, contrariamente a uma teoria otimista cuja utilidade social é demasiado evidente, a gestação é um trabalho cansativo que não traz à mulher nenhum benefício individual (BEAUVOIR, 2019 [1949], p. 57).

Na visão transgressora da filósofa, a ligação do corpo materno com a criança pode ser marcada pela alienação. Segundo ela, haveria um forte trabalho social de reforço e vigilância do papel materno na gestação, desfazendo quaisquer possibilidades naturais de eclosão do estranhamento. Ou seja, a alienação própria do próprio corpo feminino (e que, com a gravidez, não seria necessariamente diferente), um corpo que pertence primeiro ao social, encontra, no pensamento de Beauvoir, raízes na concepção da mulher como Outro “(...) a mulher, como o homem, é seu corpo, **mas seu corpo não é ela, é outra coisa**” (BEAUVOIR, 2019 [1949], p. 37) (grifos nossos).

Pertencente à geração que Elisabeth Grosz (2000) chama de “feminismo igualitário”, a teórica francesa apresenta uma visão, em linhas gerais, negativa, do corpo feminino. Logo, a gravidez se afiguraria como possível obstáculo na conquista de privilégios conquistados com facilidade pelo patriarcado. Nessa direção, o capítulo de *O segundo sexo* sobre a maternidade se inicia com uma longa preleção a respeito da luta pelo aborto, pois parte-se do princípio que a gravidez jogaria a mulher num espaço desvantajoso em relação ao homem. Apesar dessa visão negativa, o pensamento de Beauvoir em sua obra paradigmática defende o corpo da mulher como um dos elementos essenciais da situação que ela ocupa neste mundo. Contudo, não deve cair na armadilha de achar que esse corpo, capaz de gerar filhos, é o que basta para definir a mulher: “a biologia não basta para fornecer uma resposta à pergunta que nos preocupa: por que a mulher é o *Outro*? Trata-se de saber como a natureza foi nela revista através da história; trata-se de saber o que a humanidade fez da fêmea humana” (BEAUVOIR, 2019 [1949], p. 65).

A gravidez de Anna, descoberta já no quarto mês, a partir de desconfortos corporais, como inchaço nos seios e na barriga, ocupa ponto de destaque no romance. O bebê é comparado a uma “coisa”, um “fantasma”.

Ela não queria esse filho, disse com todas as letras, isso que está aqui dentro não é meu filho, é qualquer outra coisa, mas não é meu, ele a olhou como se

ela fosse um monstro, [...] olhe só como você está linda. Linda, Heiner? Ninguém é linda assim, linda, obrigada a carregar no corpo outro ser humano, linda sim, Heiner repetia, tentando convencê-la, ela continuou, vou ter porque não tenho coragem de tirar, mas eu não quero esse bebê [...] (SAAVEDRA, 2018, p. 55).

O monólogo de Anna Marianni permite à protagonista reviver os eventos dramáticos da gravidez e o conseqüente abandono da menina. As primeiras palavras do relato são marcadas por aspectos que remetem à dimensão biológica da gestação. Assim, a atriz-autora (e autora de seu próprio destino) insere-se na linhagem matrilinear que compõe a tríade de protagonistas – Anna, Maike e Avó.

Eu era ainda muito jovem e acabara de ter um bebê. Eu pari um amontoado de células que costumamos chamar “outro ser humano”, e, ao fazê-lo, apenas reproduzi o gesto de todas as mulheres da minha linhagem, minha mãe, minha avó, minha bisavó, minha tataravó, minha tataratataravó. A natureza. (pausa) Mas nada é natural na natureza! (SAAVEDRA, 2018, p. 175)

O monólogo prossegue marcado pela presença do corpo procriador: “Tudo começou assim: um dia, eu permiti que um órgão chamado pênis penetrasse o meu órgão chamado vagina, [...]” (SAAVEDRA, 2018, p. 175). Da relação sexual assim cruamente descrita, ela admite não ter obtido prazer, ao passo que seu parceiro teria obtido uma espécie de prazer melancólico. Da união dos órgãos sexuais, origina-se “um amontoado de células chamado *outro ser humano*” (SAAVEDRA, 2018, p. 175). O viés puramente biológico segue pautando o monólogo: “órgão-recipiente chamado útero”, “colo do útero”, “placenta”, “orifícios”, “sangue”, “leite”. A resistência empreendida pela personagem acerca do envolvimento afetivo com a maternidade, concretizada na linguagem biologizante a afasta, culturalmente, do que se entende, com frequência, por maternidade. Em outras palavras, não se dá a conquista da maternagem. Antes de prosseguirmos, cabe uma breve distinção entre os dois conceitos.

Enquanto a maternidade é tradicionalmente permeada pela relação consanguínea entre mãe e filho, a maternagem é estabelecida no vínculo afetivo do cuidado e acolhimento ao filho por uma mãe. O modo como se dará esse cuidado, segundo a antropóloga Kitzinger (1978), dependerá dos valores socialmente relacionados ao que é ser mulher e ao significado de um filho em um determinado contexto cultural (GRADVOHL, 2014, p. 56).

A despeito do trauma que permeia toda a gravidez, Anna ressalta, na perspectiva de distanciamento proporcionada pelo seu monólogo, conhecer as diferenças claras entre maternidade e maternagem. Ela parte do pressuposto que a primeira não envolve, a prioristicamente, a segunda:

Eu fiz tudo isso: gastei e pari e vesti e alimentei um pedaço de carne, chamado também de “outro ser humano”, e limpei suas secreções e excrementos e o coloquei num berço a salvo de intempéries e predadores, eu fiz tudo isso que minha mãe e minha avó e minha bisavó e minha tataravó e minha tataratataravó haviam feito, mas nem por isso tornei-me mãe (SAAVEDRA, 2018, p. 176).

Anna relembra, ainda, ter sido vítima de estupro ao encontrar um novo parceiro, na Alemanha, após o abandono de Heiner e a filha. Dessa maneira, integra a mesma linhagem matrilinear, a normalidade de uma herança que é um lugar de violência sofrido pelo corpo feminino: “[...] eu gritei, e eu tinha a sensação de repetir as falas de um trajeto preestabelecido, palavras escritas em algum lugar. Ele então me pegou pelo cabelo, puxou com força” (SAAVEDRA, 2018, p. 179). Vale ressaltar que a Avó engravidara de forma semelhante. É seduzida com facilidade pelo menino mais velho da família que a acolhera como empregada doméstica e, com ele, tem relações sexuais mecânicas, em seu quartinho. Desconhecendo os riscos de gravidez, o erotismo do envolvimento afetivo, sofre com o estigma de mãe pobre e solteira.

O legado do trauma, a transmissão de um destino infeliz, vincula-se, pela confissão de Anna Marianni, unicamente aos sofrimentos que rondam a maternidade (no lugar das alegrias prometidas pelo *status quo*):

E se eu não tivesse engravidado, e se não tivesse parido, e se não tivesse me tornado mãe, e se não tivesse feito daquele outro corpo uma cicatriz? Mas esses são pensamentos intoleráveis. Não, eu não sou um monstro, eu sou só uma pessoa. (Silêncio) Mas, por algum motivo, a idéia do monstro me ronda e insiste e estende suas garras sobre mim (SAAVEDRA, 2018, p. 188).

É por meio dessa fala marcada pelo corpo que se dá a constatação de que a linhagem matrilinear permanece amalgamada à maternidade, sintetizando-se na metáfora do “corpo-morada”:

Houve um momento em que habitei o corpo dessa mulher que agora está morrendo, me alimentei dele, um cordão que nos ligava. Minha mãe.

[...] Eu penso, quando ela deixar de existir e seu **corpo-morada** deixar de existir, restarão apenas as palavras, palavras de amor e ódio gravadas no meu corpo, palavras-flores, palavras-faca, palavras-furacão (SAAVEDRA, 2018, p. 188) (grifos nossos).

Segundo Jeremiah (2006), na contemporaneidade, maternidade (*motherhood*) estaria sendo menos discutida do que maternagem (*mothering*). A razão disso, de acordo com a autora, seria o status do exercício da maternidade, não mais como algo fixo, estático, mas sim encarado como um grupo de ideias e comportamentos mutáveis e

contextuais. Assim, “falar de maternagem é destacar a natureza ativa da maternidade: um movimento importante, dada a visão da tradição na cultura ocidental de tomar a mãe como passiva e desprovida de poder”³ (tradução nossa).

No seu entendimento do campo literário, no mesmo artigo, e citando Brenda O. Daly and Maureen T. Reedy (1991), Jeremiah ressalta uma estética pós-moderna como central no entendimento da escrita maternal. Esta escrita foge do que ela considera o silenciamento edípico das vozes das mães, possibilitando a emergência de tramas nas quais a identidade é construída ou reconstruída em padrões mais complexos⁴.

Podemos inscrever, a partir desse posicionamento, a escrita de Carola Saavedra nas possibilidades abertas por esses relatos pós-modernos. *Com armas sonolentas* é, portanto, um romance em forma de mosaico que costura a experiência traumática da maternidade, dando voz às integrantes de uma mesma linhagem.

1.1 A construção do ideal materno

Destacamos a construção da maternidade como objeto sócio-histórico, com efeitos políticos e discursivos, modificando-se no tempo e no espaço. Assim, devemos falar em maternidades, no plural, em construções possíveis, fenômenos de grande complexidade, passíveis de serem lidos, tanto pelo prisma psicológico/psicanalítico, quanto pelo social, pois se inserem na sociedade, enquanto constroem vínculos afetivos.

No século XX, o advento de métodos anticoncepcionais permitiu regular a incidência de gravidez, mas pode-se dizer que não eliminou a importância que muitas mulheres atribuem à maternidade. Transformações históricas mudaram as concepções de família, a forma de relacionamento pais-filhos; contudo, mesmo com a consagração do afeto como vínculo principal entre os membros da família, muitos pais e mães vivenciaram e vivenciam dificuldades no desempenho de seus papéis.

Apesar de passar por reconfigurações, a maternidade – transformações vinculadas às mudanças sociais dos papéis femininos, sobretudo na conquista de postos

³ “We now talk less of motherhood and more of mothering. For maternity is no longer seen as fixed, static state; rather, it is viewed as a set of ideas and behaviours that are mutable, contextual. To talk of mothering is to highlight the active nature of maternity: an important move, given the traditional in western culture of the mother as passive and powerless.” (JEREMIAH, 2006, p. 22)

⁴ “Brenda O. Daly and Maureen T. Reddy (1991) put forward a post-modernist aesthetic as central to an understanding of maternal writing, asserting that ‘since Oedipal narratives silence the voices of mothers, we must listen for maternal stories in postmodern plots where selfhood is constructed or reconstructed, in more complex patterns.’” (JEREMIAH, 2006, p. 29)

de estudo e de trabalho – ainda não se desvinculou totalmente da subjetividade feminina adulta e de uma matriz biológica e instintiva. Em certa medida, o ideário social, sustentado por discursos orientadores relativos à família nuclear, que pressiona a mulher a ser mãe, parece não sofrer grande abalo (GONZALEZ; MOITA LOPES, 2020).

No campo das mudanças, Chodorow (1990), no que se refere ao papel materno, observa um aumento da função psicológica da mulher em detrimento da dimensão meramente biológica. Os discursos psicológicos e psicanalíticos, como na visão de Winnicott, reforçam a importância de uma mãe psicologicamente centrada a fim de educar e orientar satisfatoriamente os filhos. Em linhas gerais, cabe ainda à mulher a administração de um amplo e movediço mundo de sentimentos, enquanto ao pai, pesa mais o sustento financeiro:

A idealização do papel materno e a associação da maternidade com a feminilidade, parte integrante da moderna construção da maternidade, reforçou a diferença entre a imagem do homem e da mulher, criando um modelo de “dois sexos” identificados com de um lado as ‘atividades’, e, de outro, com os sentimentos (GUTIERREZ, 2011, p. 08).

Zimerman (2010) aborda o chamado “vínculo primitivo” e destaca a tendência à vinculação por parte do bebê. Este vínculo se inicia não apenas com o nascimento, mas, bem antes, na história da gravidez, a qual, por sua vez, envolve a história do casal. Winnicott destaca que conceber um filho é um projeto que pode ser consciente ou não, sofrendo diferentes configurações que já farão parte da história da criança. Dessa forma, as experiências infantis serão fundamentais no processo de configuração e estabelecimento de vínculos futuros.

A vivência da maternidade terá como pano de fundo todos os outros vínculos da vida da mãe, essencialmente o vínculo primitivo, com seus próprios pais. É nesse sentido que a escolha do parceiro recebe influência dos modelos parentais, ocorrendo muitas vezes a ‘projeção fantasmática’ do outro, mecanismo que faz com que se idealize o parceiro de acordo com seus próprios desejos (GUTIERREZ, 2011, p. 11).

Novamente, é Winnicott (1983 [1963]) quem descreve o vínculo de identificação materna com o bebê, definindo-o como “preocupação materna primária”, isto é, a sensibilidade que faz a mãe perceber e suprir as necessidades do filho, lançando as bases de sua saúde mental. Como afirmado anteriormente, centrando a responsabilidade desses primeiros cuidados com o bebê na figura da mãe, Winnicott resume a figura materna como a “mãe devotada comum” (1988), ou seja, a mulher que se

adapta de forma sensível e ativa às necessidades iniciais do(a) filho(a), de início absolutas. Após a mãe ter proporcionado um senso mínimo de confiança ao(à) filho(a), a criança passa por um processo de desilusão. O protagonismo desse processo recai novamente sobre os ombros da mãe, a facilitadora desse desligamento, direcionando o(a) filho(a) à realidade. Do lado patológico, da mãe abatida por uma depressão pós-parto, ansiedade ou demais transtornos psíquicos, por exemplo, Winnicott (1988) alerta para a tendência do bebê de passar por uma experiência de desintegração, criando mecanismos para submeter-se ao desejo materno.

Em síntese, a partir desta reflexão sobre o vínculo mãe-filho, constata-se que este, por ser o mais primitivo, lança as bases para a saúde mental do indivíduo, e que existem momentos críticos em sua formação, que vão desde o relacionamento do casal que gerou a criança até os primeiros cuidados com a mesma. As vivências psicológicas do pai e, em especial, da mãe, marcadas por sua própria história de vida, interferem na formação do vínculo afetivo com o filho, uma vez que determinam a qualidade dos cuidados oferecidos à criança e o envolvimento emocional com a mesma (GUTIERREZ, 2011, p. 15).

Na vertente crítica de Michel Foucault (1988), a partir do século XVIII, desenrolam-se quatro grandes conjuntos estratégicos que desenvolvem dispositivos específicos de saber e poder a respeito do sexo: histerização do corpo da mulher; pedagogização do sexo da criança; socialização das condutas de procriação e psiquiatrização do prazer perverso. Desses conjuntos, o da histerização do corpo da mulher dialoga com nosso recorte teórico, pois denuncia que o corpo feminino satura-se de sexualidade, mas a partir de um viés patológico.

(...) este corpo foi integrado, sob o efeito de uma patologia que lhe seria intrínseca, ao campo das práticas médicas; pelo qual, enfim, foi posto em comunicação orgânica com o corpo social (cuja fecundidade regulada deve assegurar), com o espaço familiar (do qual deve ser elemento substancial e funcional) e com a vida das crianças (que produz e deve garantir, através de uma responsabilidade biológico-moral que dura todo o período da educação): a Mãe, com sua imagem em negativo que é “mulher nervosa”, constitui a forma mais visível desta histerização (FOUCAULT, 1988, p. 99).

Para Foucault, por extensão, as relações de sexo deram lugar, em toda a sociedade, a um *dispositivo de aliança*: sistema de matrimônio, de fixação e desenvolvimento dos parentescos, de transmissão dos nomes e dos bens (FOUCAULT, 1988). A família é o permutador da sexualidade com a aliança; tal regime reúne a lei e a dimensão do jurídico, a economia do prazer e a intensidade das sensações. A título de complementação, a noção de dispositivo de Foucault envolve um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões

regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filosóficas, filantrópicas. O dito e o não dito são os elementos do dispositivo, ele é a rede que se pode tecer entre esses elementos (MARCELLO, 2004).

Em síntese, além das construções históricas e discursivas apontadas, e mesmo com mudanças significativas, sobretudo de meados do século XX em diante, nos papéis desempenhados pelas mulheres na sociedade (na própria família e no mercado de trabalho), ainda recái sobre os ombros maternos a maior parte da responsabilidade de um bebê saudável psíquica e fisicamente. Justamente os discursos “psi”, isto é, legitimados pela psicologia e psicanálise, dentre os quais citamos Winnicott (mas que poderiam ser reforçados por Freud e sua visão acerca do feminino) salientam a importância do vínculo mãe-filho. Laço iniciado na história do casal, que prossegue na narrativa da gravidez, e solidifica-se a partir de uma mãe capaz de atender às demandas do bebê, sobretudo nos seus primeiros momentos de vida. O bom desempenho desse papel – ou pelo menos um desempenho satisfatório – implica num psiquismo saudável, longe dos fantasmas da patologia, capazes de gerar violentas experiências de desintegração na criança, marcada pela tentativa de agradar às expectativas maternas.

Conclusão

Além da leitura histórica dos discursos em torno da prática da maternidade (nos quais a maternagem tende a ser tomada como sinônimo de maternidade), conceitos oriundos de teorias psicológicas e psicanalíticas, como em Winnicott, ressaltam a importância do papel materno no desenvolvimento saudável do bebê. Portanto, a “mãe devotada comum”, na visão Winnicottiana, parece muito distante do sofrimento e do trauma que ligam a Avó à filha Anna, e Anna à filha Maike, todas vivenciando sentimentos de profunda alienação com o corpo grávido e o bebê.

Assim, o romance de Saavedra retrata uma linhagem de mães que fogem a esse paradigma normativo, sendo igualmente, produto discursivo das transformações históricas e ideológicas que circunscrevem o destino feminino junto às paredes do lar e aos ditames da família.

Jeremiah (2006) reivindica a escrita pós-moderna da maternidade como capaz de dar voz às mães de outrora, ainda silenciadas pelos limites falocêntricos de Édipo. A partir dessas experiências, novas experiências de maternidade podem ser narradas, levando ao exercício dessas práticas, isto é, à maternagem.

Na contramão de um discurso normativo hegemônico que toma o vínculo mãe-filho como apriorístico, isto é, tomado de forma automática e gratuita como repleto de afeto e abnegação maternas, o romance em questão, a partir dos percursos de Anna, Maike e a Avó, constrói um mosaico absolutamente transgressor. Trata-se de uma matriz materna centrada na propagação da alienação do corpo feminino, o qual, grávido, não reconhece seu bebê. Após o nascimento, o vínculo é construído (ou desconstruído) de forma frágil, marcado pelo trauma e pela indiferença, a qual se estende à inapetência para reconhecer laços afetivos. Além da avó grávida do filho dos patrões, lembramos as dificuldades de Maike em lidar com as demandas afetivas de Lupe e, principalmente, o estranhamento de Heiner diante da frieza da companheira grávida, resumida na frase: “(...) afinal, que tipo de pessoa é você?” (SAAVEDRA, 2018, p. 55).

As mulheres do romance ganham voz e corpo na escrita de Carola Saavedra. Por isso, uma escrita transgressora; ao expor, de dentro para fora, as vicissitudes de três narrativas de mulheres e duas gestações, constrói um romance de formação inusitado; no lugar de “um processo de formação lento e imperceptível,” a alienação pontua as histórias de maternidade ligando a Avó, Anna e Maike a uma só linhagem de trauma e dor.

Referências

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Vol 1: fatos e mitos. Trad. Sérgio Millet. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019 [1949].

CHODOROW, Nancy. **Psicanálise da maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1990.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary. (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997, p. 223-240.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. 15. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GRADVOHL, Silvia Mayumi Obama *et al.* Maternidade e formas de maternagem desde a Idade Média até a atualidade. **Pensando famílias**, Porto Alegre, v. 18, p. 55-62, junho

2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v18n1/v18n1a06.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2020.

GROSZ, Elizabeth. Corpos reconfigurados. **Cadernos Pagu**, São Paulo, v. 14, 2000, p. 45-86. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635340/3139>. Acesso em 15 dez. 2020.

GONZALEZ, Clarissa; MOITA LOPES, Luiz Paulo. O dispositivo da maternidade em Tudo sobre minha mãe: entextualizações e processos escalares. **Alfa**, São Paulo, v. 64, 2020, p. 1-27. Disponível em: <http://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/11313/9108>. Acesso em 15 dez. 2020.

GUTIERREZ *et al.* Vínculo mãe-filho: reflexões históricas e conceituais à luz da psicanálise e da transmissão psíquica entre gerações. **Revista do Nufen**, São Paulo, v.3, 2011, p. 3-24. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v3n2/a02.pdf>. Acesso em 15 dez. 2020.

JEREMIAH, Emily. Motherhood to mothering and beyond: maternity in recent feminist thought. **Journal of the association for research on mothering**, Canada, v. 8, 2006, p. 21-33. Disponível em: https://sas-space.sas.ac.uk/5639/1/Jeremiah_-_MotherhoodtoMothering.pdf. Acesso em 15 dez. 2020.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. O conceito de dispositivo em Foucault: mídia e produção agonística de sujeitos maternos. **Educação & Realidade**, Rio Grande do Sul, v. 29, 2004, p. 199-213. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/25426/14752>. Acesso em 15 dez. 2020.

MOURA, Solange Maria S. R. de; ARAÚJO, Maria de Fátima. A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, DF, v. 24, 2004, p. 44-55. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pcp/v24n1a06.pdf>. Acesso em 15 dez. 2020.

PIOVEZZAN, Carla da Silva. **As (des) continuidades do romance em O inventário das coisas ausentes, de Carola Saavedra**. Orientador: Milena Cláudia Magalhães Santos Guidio. 2017. 75f. Dissertação (Mestrado acadêmico em estudos literários) - Universidade Federal de Rondônia, UNIR, 2017.

QUINTALE NETO, Flávio. Para uma interpretação do conceito de Bildungsroman. **Pandaemonium Germanicum**, São Paulo, n. 9, 2009, p.185-205. Disponível em: <https://revistas.usp.br/article/view/73703/77373>. Acesso em 15 dez. 2020.

SAAVEDRA, Carola. **Com armas sonolentas: um romance de formação**. São Paulo: Cia das Letras, 2018.

_____. O fantasma da literatura de autoria feminina. **Anuário Literatura**, Florianópolis, v. 18, 2013, p. 45-48. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2013v18nesp1p45/25240>. Acesso em 15 dez 2020.

WINNICOTT, Donald Woods. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional.** Porto Alegre: Artmed, 1983, [1963].

_____. **Os bebês e suas mães.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

Página | 211

ZIMERMAN, David E. **Os quatro vínculos: amor, ódio, conhecimento, reconhecimento, na psicanálise e em nossas vidas.** Porto Alegre: Artmed, 2010.

TRANSGRESSIONS ON THE EXPERIENCE OF MATERNITY ON THE NOVEL *COM ARMAS SONOLENTAS*: MATRILINEAL LINEAGE MARKED BY TRAUMA AND ALIENATION

Abstract

This present article is based on the analysis of the novel *Com Armas Sonolentas: um Romance de Formação* (2018) by Carola Saavedra. The work portrays the trajectory of three women who, with their refusals to submit themselves to affective and maternal relationships focused on the traditional format of bourgeois features, configure narratives of resistance and renovation of stereotypes. The guideline of the novel is the traumatic experience of motherhood, in apparently independent scenarios, but creates a shared story: the matrilineal lineage founded on strangeness and renunciation in relation to an unwanted child. On the part of the mother, both the amorous relationships that lead to pregnancy and the time before the child is born are characterized by a deep estrangement and the desire to reject affective relationship. To support our reading, we examined motherhood in a brief theoretical section, understood as a historical, political, discursive, ideological and psychoanalytic construction and besides constituting an apparatus (*Dispositif*) in connection of power. In this sense, we can affirm that the view of maternity transmitted in the novel is transgressive; contributing to the reordering of stereotypes and prejudices /preconceptions linked to maternity; an occasion full with the demands of unconditional maternal love. Saavedra's narratives constitute a *Bildungsroman* that deeply problematizes the essentialist and biologizing view of the female body, reserved in its procreative and childcare role.

Keywords: Maternity, Transgression, Alienation, Trauma.

Recebido em: 28/09/2020

Aprovado em: 11/12/2020